



FORMANDO FUTUROS PEDAGOGOS PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Stefhanny Paulimneytrick Nascimento Silva

Orientadora: Cátia Crivelenti de Figueiredo Walter

Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Emails: stefhannyp@gmail.com

RESUMO

Pesquisas recentes têm mostrado que o uso da Tecnologia assistiva (TA), em especial os recursos da Comunicação Alternativa (CA) têm contribuído sensivelmente para a inclusão de alunos com deficiência nas classes de ensino comum. Para tanto, faz-se necessário ofertar cursos de formação inicial com perspectivas inclusivas, visando contribuir para os processos comunicativos e de aprendizagem de alunos com deficiências diversas. Sendo assim, a presente pesquisa pretende fazer uma breve reflexão sobre a oferta de formação inicial em Educação inclusiva, Tecnologia Assistiva e Comunicação Alternativa para graduandos do curso de pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E para investigar o fenômeno, empregamos a pesquisa de campo, de cunho qualitativo, na qual foi utilizado o questionário como instrumento para a coleta de dados, sendo aplicados no início e ao final da disciplina. Os achados mostraram que depois da formação inicial, os graduandos passaram a planejar atividades adaptadas para os seus alunos, utilizando TA e recursos da CA, de forma a contemplar as especificidades de cada educando.

Palavras- chave: Inclusão escolar, Formação inicial, Comunicação Alternativa

1. INTRODUÇÃO

A literatura especializada da área da Educação bem como da saúde, tem discutido nos últimos tempos, questões referentes à inclusão escolar e Comunicação Alternativa (CA) para indivíduos com deficiências diversas.

Pesquisas mostram que as pessoas com deficiência, em especial as sem fala funcional e/ou com alguma dificuldade na fala, passaram a se comunicar mediante o uso da CA, de forma a melhorar sua independência e aprendizagem nas atividades as quais lhe eram propostas (SCHIRMER; NUNES; WALTER; DELGADO, 2011; PELOSI; SCHIRMER; NUNES, 2011).

No Brasil, tem crescido o número de matrículas de alunos especiais no ensino comum, contudo, vale ressaltar que para uma escola se tornar inclusiva é preciso priorizar três princípios básicos: ingresso, permanência e desenvolvimento acadêmico que contemple e respeite as



especificidades do educando. Pois, ingressar em uma escola regular não garante ao aluno com deficiência práticas pedagógicas inclusivas, muitas vezes, devido à falta de orientação e/ ou capacitação dos educadores e da comunidade escolar (MENDES, 2010).

Diante disso, é perceptível a urgência de promover cursos de formação, tanto inicial como continuada, que corrobore com a proposta de Diretrizes para a Formação de Professores da Educação Básica em cursos de Nível Superior (BRASIL, 2000), revendo o fracionamento da formação dos docentes, assim como a descontinuidade no processo de formação dos alunos e a falta de proximidade entre o curso de formação e a prática cotidiana (BRASIL, 2000). Os estudos também têm apontado a necessidade de ofertar cursos de formação inicial e continuada e acesso efetivo a serviços e recursos de Tecnologia Assistiva (TA) pelos usuários de Comunicação Alternativa (CA) e seus professores (NUNES; SCHIRMER, 2011).

A Comunicação Alternativa (CA) é uma das áreas da TA que atende pessoas sem fala/ escrita funcional ou em defasagem entre sua necessidade comunicativa e sua habilidade em falar e/ou escrever (CHURCH; GLENNEN, 1992; SOTO; VON TETZCHNER, 2003). Em uma pesquisa realizada por Schirmer, Nunes (2011) foi possível verificar que os conhecimentos específicos sobre TA e CA ainda são exclusivos a pequenos grupos e quando abordados na perspectiva da Educação Inclusiva são praticamente inexistentes.

Vale destacar que os profissionais da Educação, de um modo geral, desconhecem os recursos da TA e acreditam que o excesso de demanda em sala de aula são fatores a prejudicar esse conhecimento. Por isso, faz - se necessário que os cursos de graduação ofereçam aos futuros educadores, mecanismos que os auxiliem na aprendizagem e comunicação desse alunado com dificuldades diversas, de maneira a ir ao encontro às propostas inclusivas e de Educação para todos (PLETSCH; DE OLIVEIRA; LIMA; 2015). Sendo assim, diante do exposto, a pesquisa pretende fazer uma breve reflexão sobre a oferta de formação inicial em Educação inclusiva, Tecnologia Assistiva e Comunicação Alternativa para graduandos do curso de pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.



2. METODOLOGIA

Aproximadamente 28 alunos da graduação do curso de pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro¹ participaram da pesquisa. Cumpre-se aqui ressaltar que esse estudo foi adaptado de um projeto piloto, realizado por Schirmer (2012), que em sua tese de doutorado, descreveu procedimentos metodológicos, comprovando sua eficácia em uma turma de alunos do curso de Pedagogia.

Nos últimos quatro anos, a disciplina tem sido ofertada com requisito obrigatório para a conclusão do curso de Pedagogia. O seu formato compreende quatro semestres letivos e em especial para essa turma, os períodos foram divididos em dois teóricos e dois práticos. Vale lembrar que os questionários aqui utilizados foram adaptados e modificados mediante a necessidade observada durante o processo de reformulação da disciplina.

Para investigar o fenômeno, empregamos a pesquisa de campo, de cunho qualitativo, na qual foi utilizado o questionário como instrumento para a coleta de dados, sendo aplicados no início e ao final da disciplina. O estudo foi operacionalizado em quatro etapas:

Etapa I

Caracterização dos graduandos, planejamento, oferta e avaliação do primeiro módulo do curso de formação inicial teórico-prática sobre TA com ênfase em CA.

Etapa II

Planejamento, oferta e avaliação do segundo curso de formação inicial com base na metodologia problematizadora (Casos hipotéticos).

Etapa III

Avaliação dos efeitos do curso de formação inicial no aumento das interações e de episódios comunicativos dos graduandos com alunos com deficiência.

¹O projeto foi financiado pela FAPERJ (Fundação de Amparo e Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro) desenvolvido no Laboratório de Tecnologia Assistiva/Comunicação Alternativa (LATECA) e na Sala do Amanhã, ambos na dependências da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio da Janeiro.



Etapa IV

Planejamento, implementação e avaliação da eficácia de um programa de formação continuada de professores sobre acessibilidade comunicativa.

3. RESULTADOS

Os achados são relativos e correspondem às respostas obtidas mediante a aplicação dos questionários iniciais e finais. Porém é importante ressaltar que no início da disciplina 19 graduandos responderam ao questionário e 21 graduandos responderam ao questionário final. A variação do número de alunos foi devido a não obrigatoriedade em responder aos questionários, sendo facultativo o preenchimento do mesmo.

Etapa I

Os alunos de Pedagogia da UERJ, em sua maioria do sexo feminino, ao iniciarem a disciplina de Pesquisa Prática Pedagógica (PPP) tinham idade entre 18 e 53 anos, e cursavam entre terceiro e quinto período. Dezoito alunos (95%) afirmaram que não havia frequentado, ainda, curso ou disciplina dentro da temática Educação Especial. Em geral, os graduandos se mostraram disponíveis e interessados em trabalhar diretamente com pessoas com deficiência e exibiam grande expectativa com relação ao curso proposto.

Gostaria de aprender sobre as deficiências, em como lidar e se comunicar com um aluno especial e quais métodos seriam eficazes para promover a inclusão (Graduanda).

Etapa II

No estudo de caso observamos o amadurecimento da turma, que aprendeu a descrever, resumidamente, cada caso (tipo de problema identificado, potencialidades, dificuldades e interesses do aluno).

A partir dos atendimentos realizados e até mesmo do caso hipotético pode-se concluir que quanto mais cedo a pessoa com necessidades especiais for



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

estimulada, maiores são as chances de se obter o objetivo desejado (Graduanda).

Etapa III

As alunas apontaram desafios referentes à comunicação e interação com o aluno especial.

Acredito que essa primeira experiência com a realidade juntamente com tudo o que pude observar contribuiu muito para a minha formação e me deu mais vontade de um dia poder estar atuando na prática de ensino (Graduanda).

Etapa IV

A presença e a atuação dos graduandos na escola especial foram bem avaliadas não só pelas professoras como também pelos alunos da escola que ficaram satisfeitos com o trabalho. Na última etapa da disciplina, as graduandas de pedagogia puderam oferecer atendimento especializado a oito pessoas com deficiência, com idades variando entre 8 a 35 anos, provenientes da comunidade externa da UERJ. Essas pessoas foram atendidas por grupos de dois a três graduandas, que planejavam e desenvolviam atividades semanais, por um período de uma hora. É importante destacar o engajamento das graduandas nas atividades propostas às pessoas com deficiência, promovendo oportunidades de Comunicação Alternativa aos que não conseguiam se comunicar por meio da fala.

Estar diante de pessoas com deficiência, me fez mudar o meu olhar sobre elas. Analisar cada fato, cada caso, singularidades e especificidades foram muito importantes para que eu pudesse discorrer desse tema (Graduanda).

Pôde-se também verificar a imensa gama de recursos e estratégias de CA, de adequação de material pedagógico e de recursos alternativos de comunicação que foram criados pelos graduandos. Eles puderam compreender que a avaliação deve ser processual e contínua, pois em alguns momentos o recurso desenvolvido (ex: prancha de comunicação) era efetivo e, na semana



seguinte, não se mostrava mais funcional. Logo, a atividade ou o recurso não apresentavam respostas favoráveis e precisavam ser refeitas.

Pude criar materiais adaptados para o aluno, sendo que não foi fácil, devido ser um desafio pensar em várias atividades para cada aula tentando relacionar com a realidade do aluno e com as outras aulas (Graduanda).

4. DISCUSSÃO

A formação inicial é o caminho para uma inclusão mais consciente por parte dos professores, que já não podem mais atribuir ao “despreparo” (MONTEIRO e MANZINI, 2008), todas as questões desafiadoras presentes no cotidiano escolar frente ao seu aluno com deficiência. É nesse sentido que os cursos de formação de educadores precisam se reestruturar, de forma a contemplar disciplinas acadêmicas que discutam os processos inclusivos não só na teoria como também na prática, visando aproximar o formando para a realidade que irá encontrar nas escolas de ensino regular, pois como exposto, cada vez mais tem aumentado a demanda de alunos com deficiência nas escolas brasileiras (FREITAS, 2009).

Estudos também têm destacado que a formação inicial precisa olhar para os alunos que não possuem fala funcional (NUNES, AZEVEDO & SCHMIDT, 2013; SCHIRMER, WALTER & NUNES, 2011), promovendo cursos de formação de professores que dêem ênfase as estratégias oriundas da Tecnologia Assistiva bem como dos recursos de Comunicação Alternativa, pois como afirma Bresch (2008) o uso desses recursos impulsiona não só a aprendizagem escolar como a independência e desempenho profissional desses indivíduos. Cabe aqui ressaltar que futuras pesquisas podem investigar melhores práticas de ensino- aprendizagem para pessoas com deficiência, bem como avaliar a formação inicial que tem sido ofertada aos cursos de graduação das universidades brasileiras.



5. CONCLUSÕES

Devemos valorizar as formas alternativas de comunicação e também o processo de interação dos alunos e professores comprometidos com o processo de inclusão. Para tanto, é preciso ofertar aos futuros educadores formação acadêmica que enfatize os recursos de CA e adaptações pedagógicas junto aos alunos com deficiência, de maneira a contribuir sensivelmente para a sua trajetória acadêmica e profissional.

Para tanto, foi percebido neste estudo que a oferta de formação inicial em Educação inclusiva, Tecnologia Assistiva e Comunicação Alternativa podem levar futuros pedagogos a um entendimento melhor sobre as deficiências, de modo a os auxiliar em sua trajetória escolar, contribuindo também para as suas próximas práticas profissionais.

Concluimos também que a formação inicial pode ser um fator essencial na qualidade de ensino como também facilitadora e promotora de condições essenciais para que a inclusão escolar, de fato, venha a acontecer (PLETSCH, 2005). É preciso dizer que nesta amostra não tivemos a pretensão de resolver todos os problemas relacionados às questões inclusivas nem mesmo propor mediante os resultados encontrados, uma verdade una e acabada sobre a oferta de formação inicial. Diante do apresentado, cabe aqui registrar a importância de apresentar novos saberes educativos aos graduandos, de forma a contribuir para uma educação acadêmica de qualidade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Proposta de Diretrizes para a formação inicial de professores da educação básica, em cursos de nível superior. Brasília, maio 2000.



BERSCH R.C.R. Introdução à Tecnologia Assistiva. Porto Alegre: Centro Especializado em Desenvolvimento Infantil (Cedi), 2008. Disponível em:<http://www.assistiva.com.br>. Acesso em: 08.jul.2016.

CHURCH, G.; GLENNEN, S. *The hand book of assistive technology*. San Diego, CA; Singular Publishing Co. 1992.

FREITAS, S. N. O direito à educação para a pessoa com deficiência: considerações acerca das políticas públicas. In: BAPTISTA, C. R.; JESUS, D. M. (Orgs.). *Avanços em políticas de inclusão: o contexto da educação especial no Brasil e em outros países*. Porto Alegre: Mediação, 2009. p.221-228.

MENDES, E. G. *Inclusão Marco Zero: começando pelas creches*. Araraquara: Junqueira e Marin, 2010.

MONTEIRO, A. P. H.; MANZINI, E. J. Mudanças nas concepções do professor do ensino fundamental em relação à inclusão após a entrada de alunos com deficiência em sua classe. *Rev. Bras. Ed. Esp.*, Marília, Jan.-Abr. 2008, v.14, n.1, p.35-52

NUNES, D. R. P.; AZEVEDO, M. Q. O.; SCHIMIDT, C. Inclusão educacional de pessoas com autismo no Brasil: uma revisão da literatura. *Revista Educação Especial*, v. 26, n. 47, p. 557-572, 2013

NUNES, D. R. de P.; SANTOS, L. B. *Mesclando práticas em Comunicação Alternativa: caso de uma criança com autismo*. *Psicol. Esc. Educ.* [online]. 2015, vol.19, n.1, pp.59-69. <http://dx.doi.org/10.1590/2175-3539/2015/0191797>.

PELOSI, M. B.; NUNES, L. R. Caracterização dos professores itinerantes, suas ações na área de tecnologia assistiva e seu papel como agente de inclusão escolar. *Revista brasileira de educação especial*, v. 15, p. 141-154, 2009



PLETSCH, M. D. A formação de professores para a educação inclusiva: legislação, diretrizes políticas e resultados de pesquisas. *Educar em Revista*, (33), 143-156. 2009. Acesso 04/05/2016. <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-40602009000100010>

_____ ; DE OLIVEIRA, M. C. P.; LIMA, M. F. C. Experiências do observatório em educação especial e inclusão escolar: em foco as práticas curriculares e a formação de professores. *e-Mosaicos*, v. 4, p. 63-71, 2015.

SCHIRMER, C. R.; WALTER, C. C. de F.; NUNES, L. R.; DELGADO, S. Formação Continuada em serviço de professores para uso da tecnologia assistiva e comunicação alternativa em sala de aula. In: NUNES, L. R. O. et al (Orgs) *Comunicar é preciso: em busca das melhores práticas na educação do aluno com deficiência*. Marília: ABPEE, 2011.p. 25-35.

_____ ; NUNES, L. R. Introdução à comunicação alternativa em classes comuns de ensino. In: Leila Regina Nunes; Patricia Quiterio; Catia Walter; Carolina Rizzotto Schirmer; Patricia Braun. (Org.). *Comunicar é Preciso: em busca das melhores práticas na educação do aluno com deficiência*. 1ed. Marília: Editora da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial, 2011, v. 1, p. 81-92

SOTO, G.; VON TETZCHNER, S. Supporting the development of alternative communication through culturally significant activities in shared educational settings. In: S. von Tetzchner e N. Grove (Orgs), *Augmentative and alternative communication developmental issues*. London: Whurr, 2003, pp. 287-299.



III CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O